

RUBEM BRAGA ESCREVE, DIRETAMENTE

UMA REPORTAGEM

DO FRONT, PARA O "DIARIO CARIOCA"

FÔRA DA GUERRA

ROMA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Forçado a permanecer em Roma dois dias além do que pretendia, resolvi fazer alguma reportagem "fora da guerra" — e esta cidade convida a pensar em coisas de arte. Fui bater numa exposição de 25 artistas italianos modernos. Certamente não vi nada de assombroso, e aqui alinhoo nomes de expositores, uns conhecidos de nosso público, outros não: de Chirico Severini, Campigli, Carrá, Casoratti, Ernesto De Fiori, Sironi, Fausto Pirandello (filho de Pirandello), Fini... Havia duas esculturas em madeira muito boas de Pericle Fazzini, sendo uma delas um bom retrato do poeta Ungaretti, que ensinava na Universidade de S. Paulo, deixou o Brasil juntamente com os diplomatas italianos e está residindo em Roma á Via Remuria 3. Mostrando uma fortíssima influencia da arte francesa — á qual certamente deu a sua contribuição — a arte italiana moderna nada tem de especialmente alto, e é dominada por uma preocupação absorvente de qualidade plastica, com evidente desprezo do assunto.

Em outra galeria encontrei uma pequena mas excelente exposição: Braque, Cocteau, Dali, De Chirico, Derain, Ernst, Modigliani, Laurencin, Picasso, Severini e Vlaminck.

Uma conversa de exposição me levou á Casa de De Chirico na via Gregoriano. Encontrei o famoso artista com a sua mulher — uma russa inteligente — e um amigo italiano. Informado de que eu era brasileiro, perguntou por Hugo Adami — e riu quando eu lhe disse que não podia dar informações muito precisas, mas achava que ia bem, pois a ultima vez que o vi foi em Copacabana, saindo de um belo predio de apartamento e passeando na praia com um cão de raça que levou de Paris. Perguntou depois por Tarsila, de quem falou bem, e recordou um escritor brasileiro de quem não lembrava o nome e que uma vez, há muitos, muitos anos, num café de Paris, passou uma hora inteira lhe contando uma historia sobre um grande movimento que estava se deflagrando no Brasil — a antropofagia. Esclareci que o homem devia ser Oswald de Andrade. Nessa altura da conversa, o italiano que palestrava com a companheira de Chirico e ela, ouvindo falar em antropofagia arregalaram os olhos e me perguntaram se realmente isso se usava muito no Brasil. Chirico apressou-se a explicar que se tratava de um movimento puramente literario, ou filosofico ou artistico, em que as pessoas eram comidas apenas simbolicamente. Todos riram e ficaram um pouco de-

18/1/45

108

cepcionados, e então o senhor italiano me perguntou se não havia índios no Brasil. Sim — expliquei — havia, mas poucos e longe, e bons sujeitos que o Manzon e o David Nasser vão aborrecer de aeroplano. Mas os índios do Brasil eram antropofagos? Eu disse que os historiadores e estudiosos divergem, muitos dizem que na realidade os índios mais bravos nunca foram muito antropofagos, apenas comiam os prisioneiros valentes em homenagem aos mesmos e para assimilar o valor deles, uma cerimonia religiosa, mas não carne humana no "menu" habitual da collazione e do pranzo. (Meu italiano é extremamente colorido, com boas expressões brasileiras, castelhanas e francesas que atrapalham um pouco o entendimento mas movimentam as frases). Depois perguntaram quantos italianos havia no Brasil, mas eu larguei o assunto Brasil para perguntar a Chirico como vão as coisas. Disse que vão bem. Deixou Milão por Florença, depois largou sua casa em Florença e Veiu para Roma. Os americanos a essa altura entraram em Roma, e Chirico diz que tem vendido quadros para militares americanos. Há pouco tempo fez uma exposição aqui e pensa ficar em Roma o inverno, ir para Florença só na primavera, quando os alemães já devem estar muito

além de Bologna. Fala de França e dos Estados Unidos e a uma pergunta minha diz que o fascismo nunca seguiu o nazismo na perseguição á arte moderna pelo fato de ser moderna só perseguindo os artistas e intelectuais cujas obras tinham alguma expressão social ou politica anti-fascista. Quanto a ele pessoalmente, disse que nunca foi fascista nem foi aborrecido pelo fascismo, pois é homem que tem pouco interesse pela politica. Está satisfeito por estar em uma cidade libertada, e lamenta o fato de haver um grande numero de colegas seus — artistas modernos italianos — em Milão, que está ainda com os nazistas. Mostra-me alguns de seus ultimos trabalhos, entre os quais há naturezas mortas, uma jovem que sai do banho e um soberbo — soberbo realmente — auto-retrato em que ele aparece em um traje quinhestista arroxado, de pincel na mão, com uma inscrição em latim em que se chama de ótimo pintor e diz que está pintado ali por ele mesmo. Não há duvida que esse auto-retrato ficará como uma das melhores coisas de Chirico — que aliás tem exatamente a cara que estou acostumado a ver nos retratos de Picasso — e não sei se os dois pintores se parecem ou se as fotografias de Picasso é que se parecem com Chirico.

Um velho quadrinho mostra uma coluna partida — e pergunto então a esse homem que tanto ama pôr nos quadros as ruínas greco-romanas se as ruínas atuais de sua terra não o interessam. Responde que as ruínas modernas, produzidas pela dinamite e pelos bombardeios são feias, horrivelmente tristes e feias, não têm aquela dignidade da ruína classica, feita pelo tempo. Não, não quer pintar isso, essas fileiras de casas arrebetadas, essas paredes negras, montes de tijolos, pedra, calça, cimento desarmado, não as pintará. Porque o que lhe interessa não é o drama efetivo da vida, é pelo jogo dos valores plasticos que o quadro vive e diz alguma coisa independente do tema que o pintor escolhe. Mostra-me ainda duas naturezas mortas, são exatamente nas mesmas cores dessas naturezas horrivelmente mortas do século passado, com uvas, peras, maçãs, kakís — apenas a fatura é melhor, dá ao quadro uma expressão qualquer que não é a simples realidade enfeitada. Conversamos ainda mais um pouco, me dão café relativamente bom e, como é obrigatório quando se toma café na Italia com qualquer brasileiro, se volta a falar do Brasil. Saijo, e no hotel encontro aviso de que já tenho condução de volta para a frente. Conheço bem a

estrada, lembro as aldeias escangalhadas, as cidades estrumbicadas por onde passarei, e mesmo em um bairro de Roma já volta essa monotona tristeza dos arrebetamentos da guerra, lembro desse povo italiano desgraçado de pobre e mais do que isso — em grande parte humilhado, sentindo-se "por baixo" — com a mais rica parte do país ainda em mãos do inimigo de que tem odio, e a campanha aliada mais preocupada naturalmente com a estrategia geral da guerra (que não exige a libertação completa do Norte da Italia) — e outras coisas mais, visões de mulheres, de crianças, de velhos e, pior que tudo, de homens que vi na Italia — e de subito fico triste não a respeito dos desgraçados nem dos avacalhados mas de Chirico com sua arte estranha á guerra, á sorte do povo. Será então a arte um egoismo tão medonho? Mas lembro outros italianos mesmo, lembro Leonardo, e Michelangelo que podiam ser ao mesmo tempo sobrenaturais e militares altamente praticos, presos á vida de suas cidades e suas gentes — e então o grande Chirico da "Muse Inquietanti" e das maravilhosas "piazze d'Italia" me parece não uma voz humana, mas um eco, apenas um belo eco harmonioso do "Quattrocento" vibrando na acustica de nosso tempo — e nada mais.

18/1/45

107